

CASOS DE HIV/AIDS NA TERCEIRA IDADE NO MUNICÍPIO DE MACEIÓ NO PERÍODO DE 2004 Á 2014

Priscila de Oliveira Cabral Melo; Sandra Barbosa Araújo; Hilda Rafaelle Costa.

Faculdade Estácio de Alagoas, <http://portal.estacio.br>

RESUMO

O aumento da incidência de HIV/AIDS na população acima de 60 anos cresce como em nenhuma outra faixa etária, emergindo como desafio para o Brasil no sentido do estabelecimento de políticas públicas e estratégias que garantam o alcance das medidas preventivas e a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas. Trata-se de um estudo descritivo transversal, com o objetivo de analisar os casos de HIV/AIDS na terceira idade, no município de Maceió, no período de 2004 a 2014. É necessário que os profissionais de saúde percebam os idosos como vulneráveis ao risco de infecção pelo vírus HIV e que suas particularidades sejam contempladas nas ações preventivas e assistenciais no contexto da atenção integral à saúde do idoso.

DESCRITORES: Idosos, Envelhecimento, HIV, AIDS.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento pode ser expresso como um processo de progressivas modificações biológicas, psicológicas e sociais ao longo da vida do homem e, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), é considerado idoso o indivíduo com idade maior ou igual a 60 anos para os países em desenvolvimento e 65 anos para os desenvolvidos. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde (MS), até o ano de 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos, o que corresponderá a 15% de sua população.¹

A diminuição no número de nascidos vivos, o desenvolvimento da medicina e o crescente envelhecimento da população contribuíram para que a velhice se tornasse um objeto de representação social, de políticas públicas e de pesquisas científicas. Apesar de a Psicologia do desenvolvimento, em seus primórdios, ter situado os idosos em uma fase de declínio biológico, com limitações e disfuncionalidades, na década de 1970, ela passou a incluir a velhice no processo de desenvolvimento humano como uma fase que envolve não apenas perdas, mas também ganhos e conquistas.²

O aumento do número de idosos no Brasil começa a transformar a realidade do país e traz a consciência de que a velhice existe e é uma questão social. Até o ano de 2011, já viviam no Brasil cerca de 20 milhões de pessoas com idade acima de 60 anos, representando no mínimo 10% da população brasileira da época. Os avanços sociais e as melhorias nas condições gerais de vida da população repercutem na expectativa de vida ao nascer do brasileiro, que passou de 45,5 anos de idade, em 1940, para 72,7 anos, em 2008.³

Estima-se que, em 2050, uma em cada cinco pessoas na população mundial terá mais de 60 anos; nos países industrializados essa proporção será de uma para cada três pessoas.⁴ O aumento da longevidade e as facilidades da vida moderna, como a reposição hormonal e as medicações para impotência, possibilitarão ao idoso uma vida mais agradável, assim como o redescobrimto de experiências, sendo o sexo uma delas. Todavia, as práticas sexuais inseguras tornam os idosos mais vulneráveis à contaminação pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e por outras doenças sexualmente transmissíveis (DST).³

A epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) ainda é um grande desafio na área da saúde em todo o mundo. Aproximadamente, 33 milhões de pessoas vivem com o HIV nos diversos países. O número de casos novos notificados, em 2008, foi de 2,7 milhões, e outros 2 milhões chegaram ao óbito em decorrência da AIDS. No Brasil, entre os anos de 1980 e junho de 2011, foram identificados 397.662 casos de AIDS em pessoas do gênero masculino e 210.538 no feminino. A proporção de casos relatados entre os gêneros masculino e feminino diminuiu consideravelmente do início da epidemia para os dias atuais, e os valores da razão passaram de 24:1, em 1985, para 6:1 em 1990, situando-se em 2:1, desde 1997.⁵

Levando-se em consideração a faixa etária, as pessoas com idade entre 40 e 49 anos eram as mais afetadas no Brasil, no período entre 1980 e 2010. Contudo, nos últimos anos, houve um aumento na taxa de incidência da doença nos indivíduos com idade igual ou maior que 50 anos. Embora as pessoas com menos de 60 anos não sejam consideradas idosas no país, elas passaram a ser assim classificadas pelo *Centers for Disease and Control and Prevention* (CDC) na maioria dos estudos epidemiológicos, pelo comprometimento gerado pela doença nas pessoas infectadas com idade acima de 50 anos.⁵

Os idosos são muito vulneráveis e fazem parte dos grupos que possuem comportamento de risco, pelo aumento da prática sexual, principalmente masculino, em decorrência do advento de drogas estimuladoras e a resistência ou deficiência de orientações com relação ao uso do códon.⁶

As pesquisas sobre AIDS na população idosa se intensificaram a partir de 2008 com a Campanha do Dia Mundial de Luta Contra a AIDS, do Ministério da Saúde (MS), intitulada “Clube dos Enta”, a qual foi direcionada para homens heterossexuais com mais de 50 anos pertencentes às classes C e D.⁶ A escolha desse público se deu, principalmente, porque a incidência de AIDS na população brasileira acima de 50 anos cresceu de 3,6 para 7,1 por 100.000 habitantes entre 1996 a 2006, representando um incremento de 50% de casos novos.¹

Este aumento do número de casos cresce como em nenhuma outra faixa etária e, segundo dados nacionais, o índice de HIV entre idosos já supera o de adolescentes entre 15 e 19 anos, exigindo o estabelecimento de políticas públicas e estratégias que possam garantir o alcance das medidas preventivas e a melhoria da qualidade de vida a estas pessoas.¹ Mais de 20 anos após o início da epidemia, emerge um novo perfil, uma “nova geração” de idosos com AIDS, expondo uma sexualidade, até então, negada ou ignorada e, a vulnerabilidade desse segmento populacional às DST e à AIDS.⁷

Esse perfil emergente da AIDS, a grande quantidade de idosos com a doença, o aumento na expectativa de vida da população brasileira, e os poucos estudos sobre a temática, foi a motivação para a realização deste trabalho, que poderá ser útil aos profissionais que atuam diretamente com os idosos, gerando reflexões sobre seus conceitos e suas práticas, conscientizando-os de que estas pessoas também fazem sexo e, igualmente as outras faixas etárias estão vulneráveis às infecções por DST.

Diante do foi exposto, a importância deste estudo se configura na ótica de aprimorar o conhecimento dos profissionais da área da saúde e da população em geral, sobre a situação da doença no município de Maceió. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é analisar os casos de HIV/AIDS na terceira idade, no município de Maceió, no período de 2004 a 2014. Tendo como problemática do estudo a caracterização dos casos de HIV/AIDS na terceira idade, no município de Maceió, no período de 2004 a 2014.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo descritivo transversal dos casos de HIV/AIDS na terceira idade, no município de Maceió/Alagoas, no período de 2004 a 2014, e para este fim, buscaram-se dados secundários do DATASUS e dados demográficos do no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

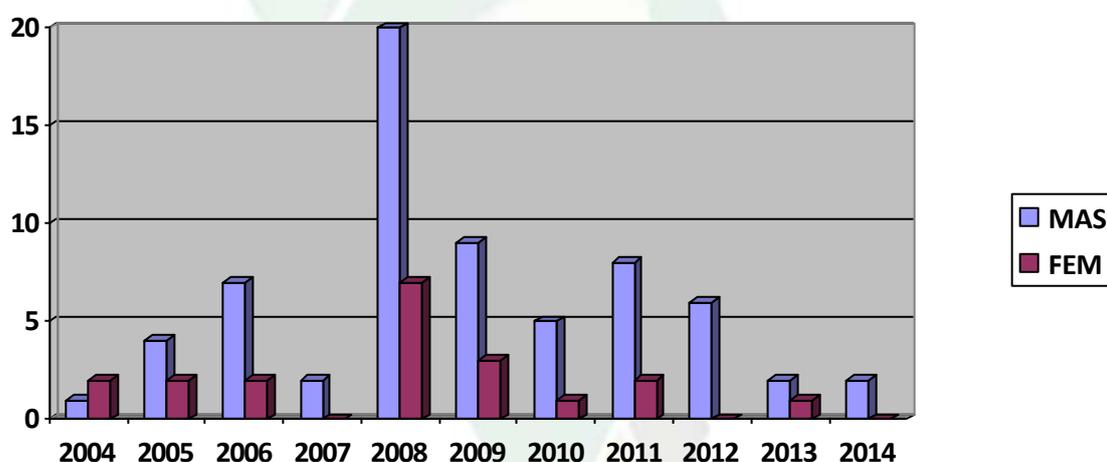
Foi utilizada estatística descritiva como percentuais, e os dados foram demonstrados por meio de gráficos e tabelas. As variáveis estudadas foram faixa etária, sexo, gênero, cor, escolaridade, renda e hábitos de vida para HIV/AIDS em idosos. Não há restrições quanto aos aspectos éticos, pois não será utilizado na composição deste artigo nenhum tipo de questionário ou experiência interpessoal com seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo o IBGE (2010) no município de Maceió, capital de Alagoas, há uma população de 936.314 habitantes, dos quais 7,1% são formados por idosos, sendo 60,9% do sexo feminino e 39,1 do sexo masculino. A expectativa de vida no estado é de 67,2 anos para o sexo masculino, enquanto para o sexo feminino é de 71,3 anos.

No município de Maceió, após a análise dos dados, pode-se observar que a incidência, em todos os anos, foi maior no sexo masculino, porém observou-se ainda que em 2008 houve um aumento expressivo no número de casos em ambos os sexos, acredita-se que tal resultado pode ter ocorrido devido ao aumento nas notificações e não necessariamente no número de casos, uma vez que nesta mesma época, foi dado início ao “Clube dos Enta” (campanha do dia mundial contra a AIDS), é possível visualizar tal afirmação na figura 1.

Figura 1: Números de casos de HIV/AIDS distribuídos por gênero a partir de 60 anos no município de Maceió, de 2004 a 2014.

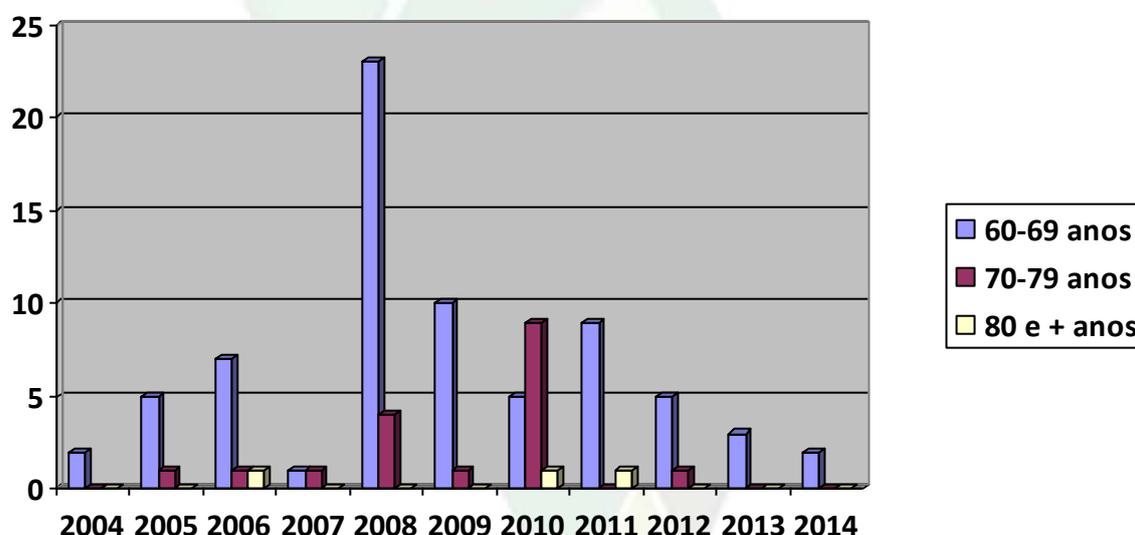


Fonte: SINAN, 2013.

De um modo geral, os dados variam de acordo com as notificações, o que não significa que estas informações refletem a realidade, uma vez que a subnotificação é um problema constante nos registros na área da saúde.

Historicamente a sexualidade dos idosos tem sido negada ou ignorada, o que pode ser visualizado através dos diversos estereótipos negativos. Todavia, o registro crescente do número de idosos contaminados pelo HIV traz à tona a sexualidade dos idosos e emerge como um problema de Saúde Pública e de desigualdade, visto que esta parcela da população estava excluída das políticas de proteção e de prevenção às DST.⁷

Figura 2: Distribuição dos casos de HIV/AIDS por faixa etária no município de Maceió, de 2004-2014.

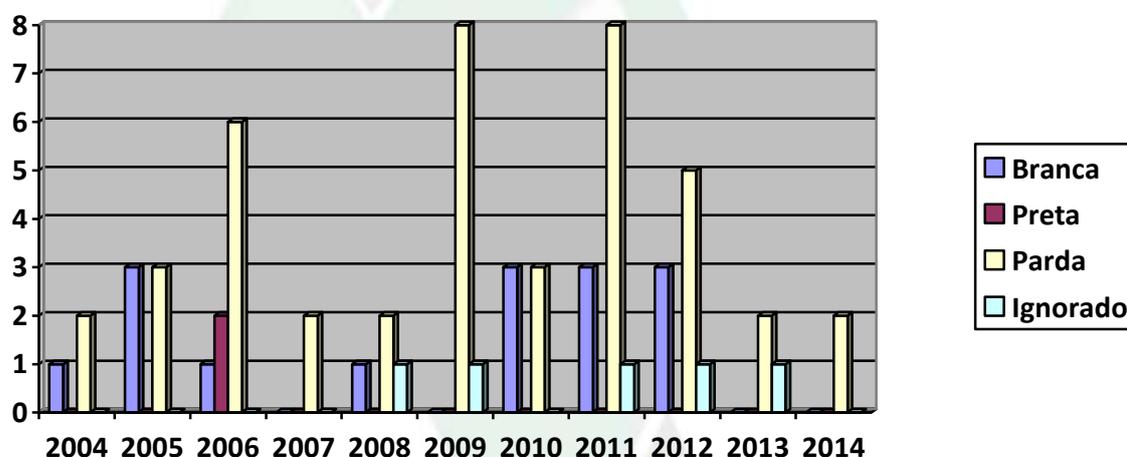


Fonte: SINAN, 2013.

A figura 2 mostra uma análise dos dados, onde se observa uma concentração dos casos nas faixas de 60 a 69 anos, em todos os anos, em maior número de casos em 2008. As faixas etárias de 80 anos e/ou mais pode ser observada nos anos de 2006, 2010 e 2011.

Entre os mitos e estereótipos, o mais comum, provavelmente, é o de que o idoso não mais exerce ou pratica a sua sexualidade, levando a concluir que o envelhecimento carrega consigo o desinteresse pela vida e a sexualidade seja inerente ao jovem. Mesmo com o fato de a AIDS nesta faixa etária ter sido identificada pela primeira vez há quase 20 anos, os paradigmas continuam e os idosos ainda são encarados como pessoas que não fazem sexo.⁸

Figura 3: Números de casos de HIV/AIDS distribuídos por cor a partir de 60 anos no município de Maceió, de 2004 a 2014.

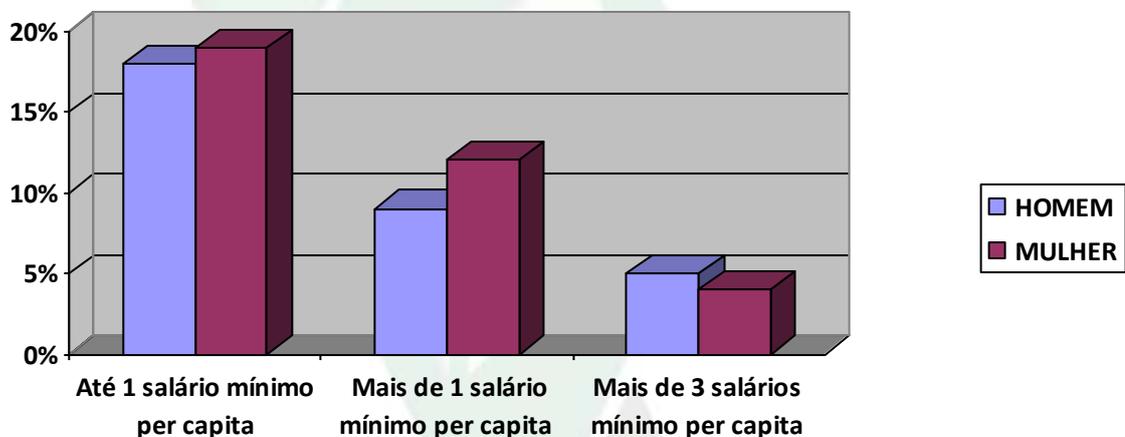


Fonte: SINAN, 2013

É sabido que as DST's não escolhem cor ou classe social, e é neste contexto, que vem à tona a questão da sexualidade dos idosos, sob o viés da doença, que é o HIV/AIDS, constituindo um novo desafio a ser enfrentado, uma vez que o preconceito e a falta de informação reforçam a ideia da velhice assexuada, o que aumenta a vulnerabilidade do idoso para estes tipos de doenças.⁷

Avaliando o contexto sócio-econômico, observa-se que os idosos aposentados, não permanecem sozinhos em casa, estão cada vez mais a procura meios de diversão, como frequentar os bailes de terceira idade, o que proporciona um novo convívio social e por conseguinte a maior probabilidade de uma vida sexual mais ativa.⁹

Figura 4 - Proporção de idosos que declaram saúde ruim e muito ruim, por classes de rendimento médio mensal familiar per capita, em salários-mínimos, segundo o gênero - Brasil – 2009.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

Em 2009, os homens idosos declararam um estado de saúde pior do que as mulheres, exceto os que apresentam rendimento médio mensal familiar per capita maior que 3 salários mínimos conforme figura 4.

É importante analisar o rendimento dos idosos, pois está diretamente relacionado às condições de vida. Atualmente, muitas famílias são sustentadas financeiramente com recursos da aposentadoria dos idosos, o que às vezes não é suficiente, tirando a oportunidade do idoso utilizar o benefício em seu proveito. Contudo, aqueles que possuem condições de manter parte do dinheiro para si, conseguem ter melhor qualidade de vida, com dignidade e auto-estima elevadas.⁹

CONCLUSÃO

Através da pesquisa foi possível observar que a incidência de HIV/AIDS nos idosos é bastante presente, motivo de alerta e reflexão para toda população, sobretudo para os profissionais de saúde.

Com o aumento da população idosa a cada ano que passa, é de extrema necessidade que os profissionais e autoridades competentes desenvolvam estratégias voltadas a temática da sexualidade na terceira idade, visando sempre ações de educação em saúde.

É preciso ver a pessoa idosa de uma forma holística, visando suas necessidades, reconhecendo que o processo de envelhecimento é algo natural e não necessariamente patológico e atentando para as questões voltadas a sexualidade do idoso, pois as DST's não escolhem faixa etária.

REFERÊNCIAS

1. SANTOS, A. F. M.; ASSIS, M. Vulnerabilidade das idosas ao HIV/AIDS: despertar das políticas públicas e profissionais de saúde no contexto da atenção integral: revisão de literatura. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. 2011; 14 (3): 25-30.
2. ALMEIDA, A. M. O., et al. Representações sociais do desenvolvimento humano. Revista Psicologia: reflexão e crítica. 2003; 16 (1):150-162.
3. LAROQUE, M. F. et al. Sexualidade do idoso: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. Revista Gaúcha de Enfermagem. Porto Alegre. 2011; 32 (4): 774-780.
4. SILVA, V. X. et al. Satisfação sexual entre homens idosos usuários da atenção primária. Revista Saúde e Sociedade. 2012; 21 (1):171-180.
5. OKUNO M. F. P. et al. Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em idosos portadores de HIV/AIDS. Acta Paulista de Enfermagem. 2012; 25 (1): 115-121.

6. SOUZA, L. P. et al. Análise da clientela idosa portadora de HIV atendida em um centro ambulatorial em Montes Claros, Minas Gerais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. 2012; 15 (4):767-776.
7. ZORNITTA, M. Os novos idosos com aids: sexualidade e desigualdade à luz da bioética. [dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ); 2008. 25 p.
8. MORAES, K. M. et al. Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. 2011; 14 (4): 787-798.
9. LEITE, M.T; MOURA, C; BERLEZI, E. M. Doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS na opinião de idosos que participam de grupos de terceira idade. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* 2007; 10 (3): 339-354.